

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	2
Título: Óleo atinge raio de quase 1 km no MA.....	2
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	3
Título: Petrobras reduz gasolina em 4% e diesel em 5% nas refinarias.....	3
Título: TST propõe maior verba rescisória para demitidos de unidades da Petrobras.....	4
Título: Ibama detecta óleo perto de navio encalhado no Nordeste	4
Título: Raposa Serra do Sol tem 1ª invasão garimpeira desde a demarcação	6
VEÍCULO: O Globo.....	8
Título: Quem pode pode, quem não pode se sacode	8
Título: Navio contratado pela Vale tem vazamento de 300 litros de óleo	8

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 29/02/2020****Seção: Metrópole****Autor: André Borges / BRASÍLIA****Título: Óleo atinge raio de quase 1 km no MA**

Cálculo inicial aponta mancha de 330 litros, vazados de navio que carrega minério; Ibama e Petrobrás enviam barcos para conter danos

O óleo que vaza do navio MV Stellar Banner, que carrega 295 mil toneladas de minério da Vale, já se espalha por quase um quilômetro de raio em volta da embarcação, no litoral maranhense. A embarcação também leva 5 mil toneladas de óleo diesel. O Ibama, órgão do Ministério do Meio Ambiente, e a Petrobrás enviaram barcos de contenção para tentar evitar estragos que o vazamento pode causar ao ambiente, caso o poluente se espalhe com rapidez. Até ontem, o vazamento verificado, a cem quilômetros da costa, apontava para um tipo de material que teria saído do porão do navio, e não de seu tanque de combustível. Cálculos iniciais dão conta de que a mancha verificada somaria cerca de 330 litros de óleo. O Ibama enviou anteontem e ontem embarcações de contenção para a área.

A Vale declarou que dois navios cedidos pela Petrobrás para conter o vazamento também iniciaram navegação na noite de anteontem, até o ponto do acidente. A previsão é de que cheguem ao local hoje. A mineradora também solicitou barreiras de contenção para uso em mar aberto. A embarcação, que iria para a China, está tombada e encalhada em um suposto banco de areia desde segunda-feira. O navio pode transportar 300,6 mil toneladas de minério de ferro. São necessários cerca de 2,5 mil vagões de trens cheios de minério para abastecer o navio. O Ibama notificou ontem a Vale e a empresa Polaris Shipping, dona e operadora do navio, para que informem detalhes do acidente em até 24 horas.

A notificação exige que as empresas apresentem dados sobre especificação, volume e condição de armazenamento de todos os tipos de óleo a bordo. Em nota, a Polaris informou que o óleo já vazado deve ser “resíduo do ‘óleo morto’ que estava no convés”, e não vazamento dos tanques de combustível. “Em estreita cooperação com a Vale, a empresa está mobilizando todos os ativos disponíveis no Brasil para erradicar qualquer risco potencial de derramamento de óleo. Uma equipe antipoluição já está no local, monitorando de perto a situação”, declarou a companhia.

A Marinha informou, em reunião com a Vale e a empresa Ardent Global, contratada para elaborar o plano de resgate da embarcação, que foi discutida

uma proposta para realizar mergulho no local, para mensurar a extensão dos danos ocorridos na altura dos tanques de lastro, localizados na proa do navio. Segundo informações repassadas à Marinha, os demais tanques da embarcação estão intactos, a casa de máquinas está seca e os motores de geração de energia estão em funcionamento. Ontem, nas redes sociais, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, disse monitorar “com muita atenção” o caso e destacou o envio de equipe, aviões e barcos de Ibama, Marinha e Petrobrás ao local.

Riscos. Ainda é difícil medir possíveis danos ambientais, mas a exposição total do minério e do óleo dentro da embarcação seria trágica, dizem especialistas. Ao podcast do Estado, a professora do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (USP) Yara Schaeffer Novelli e Ronaldo Francini Filho, do Centro de Biologia Marinha da USP, afirmam que o óleo e o minério de ferro têm composições tóxicas e que, a depender da corrente marítima, podem chegar à costa do Maranhão. A responsabilidade da Vale dependerá, em parte, da apuração sobre a causa do acidente. A Marinha abriu inquérito administrativo para apurar o caso.

Um especialista em Direito Ambiental ouvido pelo Estadão/ Broadcast explica que a política nacional de meio ambiente separa as responsabilidades em três esferas: cível, administrativa e criminal. No caso de reparação cível, o Ministério Público poderia acionar o poluidor direto (dono do navio) e o indireto (dono da mercadoria). Aqui a responsabilidade é objetiva, ou seja, independe de culpa pelo acidente. Já em âmbito administrativo, isto é, uma multa aplicada pela autoridade ambiental, a interpretação mais comum é de que a punição recai sobre o culpado pelo acidente. Na esfera criminal é indispensável que haja dolo ou culpa. /COLABOROU MARIANA DURÃO

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 29/02/2020

Seção: Mercado

Autor:

Título: Petrobras reduz gasolina em 4% e diesel em 5% nas refinarias

Os recuos, que valem a partir deste sábado (29), vêm após quedas expressivas do petróleo no mercado internacional, devido a uma ampliação de casos do coronavírus pelo mundo, em um movimento que traz temores sobre uma desaceleração da economia global e na demanda por combustíveis. O repasse de ajustes dos combustíveis nas refinarias para o consumidor final nos postos, no entanto, não é imediato e depende de diversos fatores, como consumo de estoques, impostos, margens de distribuição e revenda.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 29/02/2020****Seção: Mercado****Autor:****Título: TST propõe maior verba rescisória para demitidos de unidades da Petrobras**

Foto-legenda

Manifestantes durante a greve de 20 dias de funcionários da estatal detonada pelo corte em fábrica de fertilizantes do PR; audiência no tribunal terminou com proposta para ampliar pacote de benefícios adicionais caridesouza-
i8.fev.20/AFP

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 29/02/2020****Seção: Especial****Autor: Nicola Pamplona****Título: Ibama detecta óleo perto de navio encalhado no Nordeste**

Órgão encontrou mancha fina; navio tem cerca de 4.000 toneladas de óleo

Uma mancha de óleo de cerca de 800 metros quadrados foi detectada nesta sexta (28) em volta do navio carregado de minério que está encalhado no litoral do Maranhão. Segundo as autoridades, trata-se de óleo que estava no convés e não de vazamento dos tanques da embarcação.

De acordo com o Ibama, a mancha tem um raio de 830 metros e volume de óleo estimado em 333 litros. O órgão ambiental acredita que parte dela tenha se dispersado naturalmente com as chuvas que caíram durante a tarde na região.

O navio, chamado Stellar Banner, está encalhado em um banco de areia a cerca de cem quilômetros de São Luis, desde a segunda (24), quando sofreu avarias no casco após tocar o fundo do mar. Em seus tanques, há quase 4.000 toneladas de óleo e 259 mil toneladas de minério.

A título de comparação, a Marinha diz que recolheu 5.000 toneladas de resíduos oleosos (misturados a areia e água) nas praias do Nordeste após vazamento de origem não identificada em 2019. O Stellar Banner tem 340 metros de comprimento, o equivalente a três campos de futebol.

A maior preocupação das autoridades é acelerar o processo de retirada do óleo para evitar que um eventual rompimento do casco do navio provoque um desastre ambiental.

Neste fim de semana, mergulhadores devem avaliar a extensão dos danos no casco para definir a estratégia de retirada do óleo.

O coordenador de Acidentes Tecnológicos do Ibama, Marcelo Amorim, disse à Folha que o navio mantém a mesma inclinação nos últimos dias, o que indica que está assentado no banco de areia. A tripulação, que foi evacuada na noite do acidente, tem tido acesso à embarcação.

A equipe especializada contratada pela sul-coreana Polaris Shipping, dona do navio, disse às autoridades que os tanques estão intactos.

Segundo a Marinha, a casa de máquinas está seca e os motores de geração de energia estão em funcionamento.

Neste sábado, segundo a Vale, dois navios recolhedores de óleo da Petrobras devem chegar ao local do acidente, que conta com outras quatro embarcações de menor porte. Em nota, a Polaris Shipping disse que “está mobilizando todos os esforços disponíveis no Brasil para erradicar qualquer risco de derramamento de óleo”.

A empresa não disse, porém, quando deve ser iniciado o processo de retirada do óleo, que consiste em transferir o produto para barcas. Caso o processo seja concluído com sucesso, as equipes de resgate tentarão fazer o navio flutuar novamente, para transporte até um terminal.

O acidente pega a Vale em meio ao processo de remediação dos danos provocados pelo rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão, em janeiro de 2019, que deixou 270 mortos em Brumadinho (MG).

Embora não seja a dona do navio, a companhia pode ter que arcar com eventuais custos de um derramamento de grande porte.

O analista da corretora Ativa Han Arbertman lembrou que a empresa vem reforçando um discurso de reforçar a segurança de suas operações e que, mesmo que não tenha responsabilidade, uma eventual nova tragédia ambiental lhe trará impactos financeiros e de imagem.

“Mais que a perda econômica, uma vez que as operações são securitizadas, acredito que o que está em jogo aqui sejam as palavras proferidas pela companhia quando da divulgação do relatório de administração. Ser crível é parte fundamental no mercado mobiliário [de ações]”, escreveu.

Especializado em direito ambiental, o advogado Terence Trennepohl diz que a jurisprudência dos tribunais, sobretudo do STJ (Superior Tribunal e Justiça), indica que o transportador é responsável pelos prejuízos decorrentes do acidente, e que a Vale só poderá ser responsabilizada se for comprovado que teve alguma influência nos danos.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 29/02/2020

Seção: Especial

Autor: Fabiano Maisonnave

Título: Raposa Serra do Sol tem 1ª invasão garimpeira desde a demarcação

Pela primeira vez desde a demarcação, há 11 anos, a Terra Indígena Raposa Serra do Sol (RR) enfrenta o surgimento de um garimpo ilegal de larga escala. Para lideranças da região, o motivo é a expectativa gerada pela proposta do presidente Jair Bolsonaro para legalizar a atividade.

Desde dezembro, centenas de garimpeiros buscam ouro em uma área da terra indígena no município de Normandia, na fronteira com a Guiana. A estrutura ilegal conta com maquinário, como escavadeiras e moinho trituradores de pedra, pertencentes a não indígenas, segundo as lideranças.

“É como se fosse uma Serra Pelada”, afirma o macuxi Edinho Batista de Souza, vice-coordenador do Conselho Indígena de Roraima (CIR), criado em 1990 para lutar pela demarcação da Raposa Serra do Sol, que abriga cerca de 25 mil indígenas.

Souza visitou a região na semana passada e vincula o garimpo ilegal ao projeto de lei de Bolsonaro que autoriza mineração em terras indígenas, assinado no início deste mês após vários adiamentos. “O pessoal usa como se já fosse uma autorização por parte do governo.”

O garimpo está provocando estragos ambientais e divisões internas, com o aliciamento de indígenas.

“A minha comunidade sofre a poluição de igarapés e lagos e está dividida. Já vemos intriga na comunidade por causa do garimpo, mesmo sabendo que isso não vai trazer o bem”, afirma Matias Silva de Souza, tuxaua (liderança) da comunidade Raposa 2, via mensagem de áudio.

Matias diz que os donos dos maquinários são não indígenas e que há entrada de prostituição, cachaça e drogas. Um dos igarapés da região, o Atola, está sendo usado para lavagem de pedras. Além disso, houve roubo de gado, a principal

atividade econômica local — a vegetação da Raposa Serra do Sol é formada principalmente por pastos naturais, e não floresta.

“Os indígenas estão trabalhando como escravos. Há jovens estudantes enriquecendo os donos dos moinhos. Penso no futuro das crianças, no bem-estar da minha sociedade, dos animais.”

O CIR já protocolou denúncias, mas até agora nada foi feito. Por ter poder de polícia em área de fronteira, cabe principalmente ao Exército coibir o garimpo ilegal.

A reportagem entrou em contato com o Centro de Comunicação do Exército, que repassou a solicitação ao Comando Militar da Amazônia (CMA). Não houve resposta até a conclusão deste texto.

A demarcação da Raposa Serra do Sol tem dois adversários históricos no Planalto: Bolsonaro e o ministro-chefe do GSI (Gabinete de Segurança Institucional), o general Augusto Heleno.

Como deputado, Bolsonaro se opôs à demarcação. Em dezembro de 2018, então presidente eleito, disse que iria rever a medida, que provocou a retirada de fazendeiros não indígenas, principalmente arrozeiros.

Já o general Heleno perdeu a chefia do CMA ao criticar a demarcação — em palestra, chamou a política indigenista do então presidente Lula de lamentável e caótica.

Indígenas da região votaram em peso contra Bolsonaro em 2018. Ele obteve 71,5% dos votos no segundo turno em Roraima, mas perdeu para Fernando Haddad (PT) nos municípios da Raposa (Pacaraima, Normandia e Uiramutã).

Há cerca de um mês, o senador Chico Rodrigues (DEM-RR) esteve no garimpo e gravou vídeo com indígenas que apoiam a atividade. Disse que “é um trabalho fabuloso, onde dezenas, centenas de famílias estão aqui tirando da terra o que Deus nos deu como herança”.

O senador disse à Folha que foi convidado pelo tuxaua da comunidade Napoleão, de nome Carpegiani, para conhecer o garimpo. “Vi o trabalho que estavam desenvolvendo com mais de 500 pessoas, 500 indígenas.”

Sobre o envolvimento de não indígenas, disse que havia só indígenas garimpando, mas que a presença de brancos ocorre “naturalmente”. “Eles têm mais experiência e são quem trabalha com esses moinhos, na separação.”

Apoiador do projeto de lei de Bolsonaro, Rodrigues nega que o vídeo estimule atividade criminosa.

“Fui como convidado para ver a atividade que estão desenvolvendo e as dificuldades. São comunidade altamente carentes e já têm consciência de que a área é riquíssima em ouro.”

VEÍCULO: O Globo

Data: 29/02/2020

Seção: Colunas

Autor: Ancelmo Gois

Título: Quem pode pode, quem não pode se sacode

Por que o preço do petróleo caiu de US\$ 70 para US\$ 50 desde o início de janeiro, mas o preço da gasolina para o consumidor quase não mudou? Nas últimas quatro semanas, caiu nos postos miúdos 1,24%. Ontem, pela sexta vez desde janeiro, a Petrobras diminuiu o preço da gasolina nas refinarias, agora em 4%. Vamos ver o que acontece.

Ai, meu bolso

Aliás, há quem defenda no governo aproveitar a queda no preço do petróleo em função do coronavírus para implementar um colchão de preço para a gasolina e melhorar as contas fiscais da União. Seria o caso de subir a chamada Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico. Hoje, é de 10 centavos por cada litro de gasolina.

VEÍCULO: O Globo

Data: 29/02/2020

Seção: Economia

Autor: BRUNO ROSA

Título: Navio contratado pela Vale tem vazamento de 300 litros de óleo

Mancha no mar já ocupa 830 metros ao redor da embarcação no Maranhão

Quatro dias após o navio contratado pela Vale ter encalhado no litoral do Maranhão, o Ibama registrou uma mancha de óleo de cerca de 830 metros ao redor da embarcação MV Stellar na manhã de ontem após um sobrevoo pela região. A estimativa é que cerca de 300 litros de óleo tenham vazado do navio.

De acordo com Marcelo Amorim, coordenador-geral substituto de Emergências Ambientais do Ibama, os tanques do navio ainda estão intactos. O óleo encontrado no mar estava localizado na parte superior do navio, que tem uma

inclinação de 22 graus. A embarcação foi encalhada propositalmente e, para evitar que afunde, foi ancorada a cem quilômetros da costa.

— É uma camada de óleo leve verificada na manhã de sexta-feira. No sobrevoo feito na parte da tarde, não foram verificadas novas manchas —explicou Amorim.

A embarcação estava carregada com 294.871 toneladas de minério de ferro, 3,5 mil toneladas de óleo residual e 140 toneladas de destilado. O navio sofreu uma avaria na proa após deixar o Terminal Marítimo de Ponta da Madeira, em São Luís, na capital do Maranhão. A Marinha abriu inquérito para apurar as causas do acidente.

PLANO PARA AVALIAR DANO

A sul-coreana Polaris, empresa que presta serviço para a Vale, deve apresentar neste fim de semana um plano para que mergulhadores avaliem o dano na proa do navio —já que até agora não se sabe qual foi o tamanho do dano no casco. Esse plano deverá ser aprovado pela Marinha, que deu um prazo de 48 horas para as companhias apresentarem o projeto.

—Esse plano de mergulho é importante para saber qual foi o real dano na embarcação, que ocorreu na proa. Os tanques de minério e óleo estão na parte de trás — disse Amorim. —Com o diagnóstico, vamos saber mais detalhes. A Vale vai fazer um plano para a retirada do minério e do óleo.

A mineradora também teve de contratar uma companhia para fazer uma modelagem de dispersão de óleo para saber quais áreas poderão ser impactadas no caso de vazamento de óleo e minério. A Petrobras já cedeu embarcações para ajudar na remoção do óleo.

— Esse plano para mitigar os impactos ambientais em áreas afetadas em caso de vazamento deve ser apresentado no fim de semana —adiantou Amorim.

Procurada, a Vale disse que está empenhando “todos os esforços e recursos para mitigar os possíveis impactos causados pelo incidente”. Em nota, a Polaris afirmou que também está fazendo esforços e usando todos os recursos para acelerar as operações de resgate no local. “Acredita-se que o óleo observado no local seja resíduo de óleo morto que estava no convés; não vazamento dos tanques de combustível”, disse em nota.

PROBLEMA EM 2017

A embarcação, que pertence à companhia sul-coreana Polaris, foi contratada pela mineradora brasileira para transportar minério de ferro do Brasil para a

China. mas essa não é a primeira vez que a Vale enfrenta problema com a companhia.

Em 2017, o navio Stellar Daisy, da Polaris, afundou no Oceano Atlântico depois de sair com 260 mil toneladas de minério de um porto na Ilha de Guaíba, no Rio de Janeiro. Na ocasião, apenas 2 dos 24 tripulantes foram encontrados.

MME / ASCOM .